

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
11 de Setembro de 2021
O CINEMA DE VICHY – A FRANÇA OCUPADA (1940-44)

LE DERNIER DES SIX / 1941 O Último dos Seis

Um filme de Georges Lacombe

Adaptação e diálogos: Henri-Georges Clouzot, a partir do romance “Six Hommes Morts” (1931), reentitulado “Le Dernier des Six” em 1943, de Stanislas-André Steeman / *Imagem (35 mm, preto & branco, formato 1x37):* Robert Le Febvre / *Cenários:* André Andrejew / *Figurinos:* não identificado no genérico / *Música:* Jean Alfaro / *Montagem:* não identificado no genérico / *Som (mono):* William-Robert Sivel / *Interpretação:* Pierre Fresnay (o *comissário de polícia*), Michèle Alfa (*Lolita Gernicot*), André Luguet (*Henri Senterre*), Jean Chevrier (*Jean Perlonjour*), Suzy Delair (*Mila Malou, a amante do comissário*), Jean Tissier (*Henri Tignol*), Georges Rollin (*Georges Gribbe, vulgo Jo*), Lucian Nat (*Marcel Gernicot*), Raymond Segard (*Nanotte*), Odette Barencey (*Madame Pâquerette, a senhora do guarda-roupa*), Paul Demange (o *mordomo de Senterre*), Pierre Labry (o *inspetor Picard*) e outros.

Produção: Alfred Greven para a Continental Films (Paris) / *Cópia:* dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 93 minutos / *Estreia mundial:* 16 de Setembro de 1941 / *Estreia em Portugal:* 22 de Janeiro de 1947 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Produzido em boas condições, como é evidente pela qualidade dos seus “valores de produção” (fotografia, cenários, guarda-roupa e adereços), com um argumento muito bem estruturado, um naipe de atores de primeira qualidade e um realizador experiente, que não se contentou em reunir bons profissionais, empenhou-se na aventura da *mise en scène*, **Le Dernier des Six** é um filme até certo ponto injustiçado. Mesmo sabendo que a História do cinema no seu período clássico já está escrita, há centenas de bons filmes por “descobrir” e este é um objeto cinematográfico insuficientemente (re)conhecido. É um filme de género, um *thriller* criminal ou um *polar*, para usarmos um termo francês e não um filme “de autor”, no sentido em que esta palavra foi utilizada pela crítica francesa dos anos 50, mas não é certamente um objeto de série. Depois de ter sido assistente, no período mudo, de Jean Grémillon em **Maldonne** e de René Clair em alguns dos seus melhores filmes (**Entr’Acte**, **Un Chapeau de Paille d’Italie**, **Sous les Toits de Paris**) e de se estreiar com um documentário de curta-metragem que foi associado à vanguarda (**La Zone**, 1929), Georges Lacombe, como tantos realizadores que trabalham num sistema industrial, abordou diversos géneros. Quando a Segunda Guerra Mundial começou, ele era um realizador experiente, com dez longas-metragens na sua bagagem. Em **Le Dernier des Six** o seu domínio sobre a matéria que utiliza é evidente e os elementos que mais tarde se transformariam em clichés no cinema francês (como o deliberado cabotinismo de Pierre Fresnay, cujo personagem mantém um tom cínico ao longo de toda a narrativa, que é pontuada por diversas mortes) ainda não se tinham transformado em clichés. O extremo profissionalismo de todos e cada um, a concatenação entre o argumento, as escolhas visuais e o tipo de desempenho dos atores resultaram num filme que está muito longe do academismo e da rotina que nos anos 50 caracterizaria este tipo de cinema em França. **Le Dernier des Six** é um exemplo acabado de *mise en scène* clássica, menos solta do que o que se fazia nos anos 30, menos rígida do que em muitos filmes franceses dos anos 50.

Contrariamente ao que se passa na maioria dos filmes, a sequência de abertura, que serve de preâmbulo narrativo, é marcada pela tensão, a espera, a impaciência e se resolve num anticlímax, numa libertação dos seis personagens. Como a maioria das

sequências do filme, esta é noturna e a imagem é trabalhada com esmero, jogando com os efeitos de sombra e luz, porém sem excesso. Quando a ação propriamente dita começa, o tom é totalmente diferente, estamos num teatro de revista, onde vai se passar boa parte da ação, de maneira a que a série de crimes seja envolta num ambiente de despreocupação, de espetáculo, de rodopio. Há inclusive um grande número musical com a “rainha do alvo”, devidamente extravagante e com alguns efeitos à Busby Berkeley, número que é perfeitamente inserido no contexto narrativo, pois serve de camuflagem para um dos homicídios. Embora se trate de uma história criminal, com investigadores e suspeitos, o ambiente do filme nunca é puramente o de um filme policial, devido à rivalidade amorosa entre os dois amigos e a tudo o que se passa nos bastidores e no palco do teatro, que fazem dos crimes uma anomalia e não a regra, como num puro *polar*. Aos seis amigos da sequência de abertura, que revemos pouco a pouco, vêm juntar-se mais três personagens, dois dos quais têm funções centrais na narrativa (o comissário de polícia e a mulher de um dos seis, que se torna vedeta do teatro), ao passo que o personagem de Suzy Delair tem a função de dar algum tempero cómico à história. A história começa com seis homens, mas desenvolve-se e resolve-se com três homens (dois do grupo original e o comissário) e uma mulher, que talvez tenha alguma ligação com os crimes. O contraste entre os dois personagens femininos, uma burra e uma inteligente, uma talentosa profissional e uma simples aspirante a cantora, reflete-se no contraste entre as duas atrizes e permite-nos apreciar o grande talento de Michèle Alfa, que não teve a carreira que merecia devido ao facto de ter sido amante de um sobrinho de Göring (que tocava clarinete em Montmartre...) durante a Ocupação. Michèle Alfa não teve de enfrentar tribunais ao fim da guerra, mas a má vontade que a cercou nos anos que se seguiram fizeram-na desistir de continuar no cinema e no teatro, depois de diversas tentativas. Em **Le Dernier des Six**, Alfa está perfeitamente à altura dos seus três parceiros masculinos, todos com formação no Conservatório e passagens pela Comédie-Française, os ultra-profissionais Pierre Fresnay, André Luguet (um dos mais ecléticos atores franceses da sua geração) e Jean Chevrier, a quem é confiada uma carga erótica pesadamente masculina equivalente à sutileza da dela. Como todo bom realizador do período clássico, Lacombe sabe jogar com o contraste entre os atores e preservar uma grande homogeneidade de conjunto. Os personagens secundários (os outros polícias, o mordomo e sobretudo a *habilleuse* no teatro) são devidamente caracterizados, mas não ocupam mais lugar do que devem, nem falam num francês popular parisiense, um *parigot* ultra-teatral e falsamente natural, como não era raro (Julien Carette e Raymond Bussières construíram as suas carreiras com personagens assim). O equilíbrio absoluto entre as diversas componentes do filme não se faz em detrimento da sua fluidez.

acteurs fortes personnalités, mais les tient ensemble.

Produzido pela Continental, a empresa fundada pelos alemães para produzir filmes na França ocupada (um total de trinta entre os duzentos e vinte e dois produzidos no período), **Le Dernier des Six** beneficiou visivelmente de boas condições de trabalho. Quem o vir sem saber quando foi feito, nunca suspeitaria em que contexto social e político o filme nasceu. Os regimes políticos opressivos, por mais agressivos que sejam, não se privam de filmes de entretenimento, como se verificou na Alemanha nacional-socialista com os seus melodramas e filmes situados em cortes do passado. Mas se no cinema alemão de ficção há diferenças palpáveis entre o que veio antes e depois do nazismo, com a abolição das formas modernas e uma nítida assepsia, tal não foi o caso em França. Como este excelente filme demonstra, o cinema “de Vichy” vivia em vaso fechado em relação à realidade da Ocupação, numa redoma, mas só muito raramente foi envenenado pelo moralismo pétainista, talvez para melhor cumprir a sua função “escapista”.

Antonio Rodrigues